

ALZIRA OLIVEIRA

Integrado na conferência "Os desafios da indústria portuguesa no Portugal 2020", Mira Amaral, Ex-Ministro da Indústria e Energia, afirmou que Portugal para exportar tem que ser competitivo mas que não consegue ser competitivo com baixos salários (que seria o que nos aconteceria se saíssemos da moeda única) porque, afirmou, há sempre uma empresa de um qualquer país a produzir mais barato do que nós. O desafio é ser competitivo, ou seja, estar à altura dos concorrentes, se possível mais acima, com um produto diferenciado.

Mira Amaral disse que o conceito de re-industrialização passa por mão-de-obra qualificada, e aqui criticou a fuga de alunos para cursos «livrescos»; pela inovação; por integrar as PME's, que são mais de 90% em Portugal, em cadeias de valor das grandes multinacionais. Criticou também a política de transportes deste e de outros governos. No caso específico da ferrovia afirmou que Portugal está a transformar-se numa ilha, ao não incrementar as linhas de bitola europeia, que não são exactamente o TGV.

Sobre as exportações disse, ainda, que tão importante como a competitividade é a internacionalização, ou seja, em alguns mercados não chega vender é preciso presença física nesses países. Deu como exemplo Angola, que com uma produção a crescer no sector das bebidas, está a barrar as importações.

Mira Amaral falava na conferência organizada pela ADRAVE, pela OTOC – Ordem dos Técnicos Oficiais



CONFERÊNCIA COM ESPECIALISTAS DESAFIOS E OPORTUNIDADES DA INDÚSTRIA DISCUTIDOS EM FAMILIÇÃO

de Contas e pela Associação Industrial do Minho, que decorreu no CITEVE, no dia 23 de Março. Num painel moderado pelo vereador do Empreendedorismo, Leonel Rocha, João Cerejeira, um famalicense professor na Universidade do Minho, acrescentou que para se exportar mais é necessário diversificar os sectores da exportação e procurar novos mercados. Este orador criticou, também, áreas que considera entraves à indústria como os preços da energia acima da média, a modernização dos transportes e portos, melhorar

acesso ao crédito por parte das PME's e fazer reformas na fiscalidade e na justiça. Brás Costa, director geral do CITEVE, Centro Tecnológico das Indústrias Têxtil e do Vestuário, focou a sua intervenção na necessidade de apostar na inovação, ligando as universidades e os centros de investigação às empresas, e vice-versa. Por exemplo, abrir as portas aos doutorados, como nova forma de recrutamento. Relativamente aos cursos de especialização tecnológica, Brás Costa disse que analisou 250 e só 10 eram vocacionados para a indústria,

«quando as empresas procuram técnicos intermédios», disse.

Esta conferência, com um auditório completamente cheio de empresários, técnicos oficiais de contas e outros profissionais, abriu com as intervenções de Armindo Costa, presidente da Câmara espera que o novo quadro comunitário seja uma oportunidade de re-industrialização, para que as empresas possam contribuir verdadeiramente para o desenvolvimento das regiões e para a coesão so-

cial. Pediu aos empresários que não deixem escapar a oportunidade de melhorar a competitividade fazendo uso dos fundos disponíveis. O presidente da AIMinho, António Marques, concorda que os empresários têm uma palavra a dizer, mas na sua perspectiva são necessárias políticas assertivas, que olhem para a indústria com outro interesse. «Isto vai lá com todos: as empresas de novas tecnologias e, sobretudo, os sectores tradicionais», sublinhou. Como presidente da Ordem dos Técnicos Oficiais de Contas, Domingues Aze-

vedo fez a sua intervenção à plateia falando do empresário que tem que necessariamente correr riscos e que quando se fala de pequenas e médias empresas, tudo vai cair nos ombros do presidente da empresa, uma vez que não há departamentos com técnicos especializados que possam amortizar esse choque. Focou-se, portanto, nas dificuldades sentidas pelas empresas de menor dimensão, que são a maioria em Portugal.

Sobre os apoios comunitários, este famalicense lembrou que foram desbaratados muitos fundos, que não trouxeram mais-valia para a economia, esperando que não venha a acontecer com o novo quadro.

O presidente da Câmara Municipal de Famalicão, Paulo Cunha, recordou que Famalicão é o terceiro concelho mais exportador mas que nem por isso a Câmara «deixa de criar medidas de apoio aos novos empresários, aos já instalados e aos que querem migrar para Famalicão». Nestas condições de atractividade, Paulo Cunha falou do Made In, um gabinete de apoio ao empreendedorismo, e da revisão do PDM que aumentou em 51% o espaço industrial. «O importante é que os territórios criem condições para a fixação de empresas», resumiu.

As entidades organizadoras desta conferência apresentaram ainda um painel com representantes de quatro empresas: José Alexandre Oliveira da Riopelle Têxteis SA; Pedro Carreira da Continental Mabor; Pedro Pinto, da Primor; Filipe Vila Nova, Salsa. A moderação pertenceu à jornalista da TSF, Leonor Ferreira.